



**GRAÇAS do
PADRE CRUZ SJ**

PRECES PARA UMA NOVENA



Deus infinitamente misericordioso que desceste do Céu à terra para ser a salvação e o modelo de todos os homens; Vós que dis-sestes: Pedi e recebereis, procurai e encontrareis, batei e abrir-se-vos-á, pelos méritos e intercessão do Vosso servo P. Cruz que, perfeito imitador Vosso, abrasado em caridade, passou igualmente pela terra a fazer bem: consolando os aflitos, socorrendo os necessitados, visitando os pobres e encarcerados e convertendo os pecadores.

Concedei-nos a graça de imitar as suas virtudes, principalmente o seu espírito de oração e união com Deus, o espírito de fé viva, de esperança firme e de amor ardente, a devoção filial à SS.ma Virgem, o zelo pela salvação das almas e o horror a tudo o que desgoste o divino Espírito Santo e nos torne menos dignos da Sagrada Comunhão. Concedei-nos em particular a graça de... se for para honra Vossa, para bem das nossas almas e glória do vosso Servo. Assim seja.

Pai Nosso, Avé Maria e Glória.

Bondoso Padre Cruz, rogai por nós!

Oração

Senhor Jesus Cristo, que dissestes: Se não vos tornardes como pequeninos, não entrareis no reino dos céus, olhai para a humildade e simplicidade com que o Vosso servo Francisco procurou a glória divina e o bem temporal e sobrenatural dos humildes, e dignai-Vos glorificar o Vosso discípulo fiel com a auréola da santidade, se isso for da Vossa maior glória.

Por Nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

Assim seja.

Nota: Estas preces destinam-se a devoção particular.

Evite-se cuidadosamente tudo o que pareça culto público.



Índice :

Humildade	pág. 67
Santidade e Vida	pág. 69
Ano Santo da Misericórdia	pág. 72
Festa da Divina Misericórdia	pág. 74
Solenidade da Assunção de Nossa Senhora.....	pág. 77
Testemunhos de amor ao próximo.....	pág. 80
<u>AVISO: MISSA</u> na Capela e Abertura do Jazigo.....	pág. 82
Histórias da Vida do Padre Cruz	pág. 83
Nascimento de Maria	pág. 89
Deram Esmola e agradecem Graças.....	pág. 92
Missas	pág. 96





Humildade é o “estilo de Deus e do cristão”

O Papa pediu aos cristãos para que recusem a vaidade e o orgulho. Durante a celebração no último Domingo de Ramos, Francisco apelou à humildade e lembrou o exemplo de todos quantos renunciaram a si mesmos para estarem ao serviço do outro. “Há outro caminho, contrário ao caminho de Cristo: o mundanismo. O mundanismo oferece-nos o caminho da vaidade, do orgulho, do sucesso. É o outro caminho”, Francisco apresentou a humildade como o “estilo de Deus e do cristão” elogiou o exemplo de fé dado por “tantos homens e mulheres que em cada dia, no silêncio e escondidos, renunciaram a si mesmos para servir os outros: um familiar doente, um idoso sozinho, uma pessoa deficiente, um sem-abrigo”.



O Papa homenageou também as vítimas da intolerância religiosa, numa alusão aos cristãos perseguidos pelos terroristas do Estado Islâmico. “Pensamos também na humilhação das pessoas que, pela sua conduta fiel ao Evangelho, são discriminadas e pagam na própria pele. E pensamos ainda nos nossos irmãos e irmãs perseguidos porque são cristãos, os mártires de hoje: não renegam Jesus e suportam, com dignidade, insultos e ultrajes”, prosseguiu.

A Santa Sé anunciou ainda que o papa Francisco não esquece “o sofrimento das famílias do norte da Nigéria”, um país que atravessa o seu momento mais dramático com milhares de assassinatos cometidos pelo grupo jihadista Boko Haram. Também a estas famílias, o Papa enviou uma mensagem de solidariedade e proximidade através da Conferência Episcopal.

O Papa encontrou-se com cerca de 150 pessoas sem-abrigo de Roma que tinham sido convidados para visitar os museus do Vaticano. Francisco cumprimentou vários dos presentes, deu-lhes as boas-vindas e, dirigindo-se a todos disse: “Bem-vindos. Esta casa é para todos, é a vossa casa. As portas estão sempre abertas para todos”. De seguida, Francisco deu a bênção e pediu as orações: “Rezem por mim. Preciso das orações de pessoas como vocês.”

Os convidados do Santo Padre permaneceram depois no Vaticano, onde lhes foi servido um jantar. Segundo uma nota de Imprensa da Santa Sé, o próprio Papa terá pedido que não fossem tiradas fotografias ou feita qualquer gravação vídeo durante o encontro.

O caminho da humildade e da renúncia a si mesmo foi o caminho do Padre Cruz, que renunciou a si mesmo para servir os outros.



Santidade e Vida



O primeiro dia de novembro é a festa litúrgica anual de Todos os Santos, e nesse dia haveria que lembrar muitas vidas ocultas e santas, de homens e de mulheres, de jovens e adultos, de sacerdotes, religiosos e religiosas, de esposos e solteiros, de pessoas saudáveis ou enfermas, que serão recordadas nas missas celebradas pelos sacerdotes nos quatro cantos do mundo, confirmando assim que há muitos católicos não canonizados, mas que viveram santamente aqui na Terra.

As suas histórias particulares são tão diversas e tão ricas, tão antigas e tão recentes, que arriscar-se a escrever sobre cada uma delas seria uma tarefa interminável.

Como ninguém nasce santo, mas aprende ao longo da vida a ser santo, a escolha certa para falar da vida de qualquer batizado é falar do Espírito Santo, o único santificador desse aprendiz da arte de viver e de conviver santamente.

A santidade é um atributo exclusivo de Deus. Identifica-se com a vida íntima da Santíssima Trindade, constituída pelas processões divinas, a geração do Filho, que procede eternamente do Pai, a expiração do Espírito Santo, procedente do amor do Pai pelo Filho e do Filho pelo Pai.



O verbo proceder deixa bem claro que a vida íntima de Deus é vida, é amor vivido e doado, é paz compartilhada e comunicada, é sabedoria iluminadora e criadora, é o que Deus misteriosamente, quer conceder ao homem e à mulher batizados.

Ao criar o homem e a mulher, Deus os fez com a mesma dignidade e a mesma missão terrena, e foi para tornar essas duas pessoas participantes da sua vida de amor, de paz, de sabedoria, da sua santidade de vida, que instituiu o sacramento do Batismo e o confiou à Igreja para o conferir a quem pedisse.

Com a graça santificante recebida no Batismo, inúmeras pessoas foram introduzidas na intimidade da vida trinitária, sendo, então, participantes dessa natureza divina e chamadas a viverem como pessoas santas na Igreja, na família e na sociedade.

Essa nova vida, iniciada com um novo nascimento pela graça, constituiu a criança ou o adulto num estado de santidade de vida, para agirem e reagirem conforme a realidade intratinitária, santa por essência.

Viver santamente é viver docilmente, deixando o Espírito Santificador assemelhar cada batizado(a) ao Filho Eterno de Deus, a fim de torná-lo(a) uma pessoa íntima de Jesus Cristo, vivendo desse modo a relação filial profunda com Deus-Pai.

A vida santa é uma antecipação do Céu, mas não quer dizer uma alienação da Terra, pois as pessoas que são aprendizes da arte de ser santo, são pessoas metidas em Deus, e, com os seus pés bem fincados na Terra, fazem do mundo a “morada de Deus”.

No princípio da história da Igreja sabemos que existia um mundo com “inflação” de deuses, tão distintos uns dos outros, que um católico batizado sabia que havendo um só Deus, necessitava ter um novo estilo de vida, precisava ser o sal da Terra, ser o fermento no meio da massa, ser a luz do mundo, a fim de que, vivendo santamente entre as demais pessoas, fosse “o sacramento universal da presença de Deus no mundo”.



Desde então todos os santos e santas, celebrados liturgicamente no dia 1º de novembro, são homens e mulheres que questionam os seus semelhantes a respeito do sentido pleno das suas vidas. Duas perguntas devem ser colocadas, portanto, em destaque:

- o que é viver entre pessoas e conviver com pessoas tão diferentes entre si, mas buscando a santidade?

- o que é viver na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, no trabalho e no desemprego, na política e no magistério escolar, etc., sem deixar de viver na “morada de Deus?”

As respostas a tais perguntas incomodam a consciência humana de quem foge do sentido divino e humano da vida, e têm um ponto de partida e outro de chegada: inicia-se com saber viver e morrer felizes e satisfeitos, já que se aprende a ser cada vez mais participantes da vida íntima de Deus, e termina consciente de que cada momento vivido e sofrido será acompanhado da ação santificadora do Espírito Santo, para que a vida pessoal seja sempre santa e missionária.

Sabemos que no mundo há dezenas de processos de beatificação e de canonização iniciados, ou prestes a serem iniciados, ou em andamento em algumas dioceses, ou alguns já presentes na Congregação da Causa dos Santos, em Roma, mas, com certeza, há milhões de cristãos que vivem discretamente a santidade de Deus.

Como o *Santo* Padre Cruz há, em Portugal e no mundo, muitas almas maravilhosas, ocultas, e quem sabe se o Senhor não irá querer, com o passar dos anos e não muitos, colocá-los nos altares para serem exemplo de vida.





Ano Santo da Misericórdia

O Papa anunciou um Jubileu Extraordinário

O Papa Francisco anunciou no dia 13 de março, na Basílica de São Pedro que decidiu proclamar um “jubileu extraordinário” centrado na “misericórdia de Deus” e que terá início a 8 de dezembro deste ano de 2015 e percorrerá todo o ano de 2016:

“Decidi convocar um Jubileu Extraordinário que tenha o seu centro na Misericórdia de Deus. Será um Ano Santo da Misericórdia. (...) Este Ano Santo iniciar-se-á na próxima Solenidade da Imaculada Conceição e concluir-se-á a 20 de novembro de 2016.”



Este anúncio do Santo Padre foi feito no final da sua homilia da celebração penitencial com a qual o Papa abriu a iniciativa “**24 horas para o Senhor**”. A organizar este grande Ano Santo da Misericórdia será o Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização. Será um Jubileu Extraordinário para levar a toda a gente o Evangelho da Misericórdia.

E a misericórdia foi o tema da homilia do Papa naquela celebração penitencial. Referiu-se ao Evangelho que conta o episódio da mulher pecadora que lava os pés a Jesus e os enxuga com os cabelos, beijando-os e unguendo com óleo perfumado.

Desde logo – disse o Santo Padre – duas palavras: amor e juízo. O amor da mulher pecadora e o amor de Jesus que permite que ela se aproxime e acolhe-a demonstrando-lhe o amor de Deus num encontro que vai para além da justiça e para além do juízo que é a outra palavra, citada pelo Papa Francisco. O juízo de Simão, o fariseu que convidou Jesus para jantar e não consegue reconhecer quem é o seu convidado. Não consegue também encontrar o caminho do amor. No seu pensamento existe só a justiça e fazendo assim está errado – afirmou o Papa Francisco que deixou claro que ninguém pode ser excluído da misericórdia de Deus.

O Ano Santo Jubilar da Misericórdia terá início com a abertura da Porta Santa na Basílica de S. Pedro a 8 de dezembro de 2015, na Solenidade da Imaculada Conceição e será encerrado no dia 20 de novembro de 2016, na Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo.

A abertura do próximo Jubileu coincidirá com o cinquentenário do encerramento do Concílio Ecuménico Vaticano II, que aconteceu em 1965 e reveste este ano santo de um significado especial, encorajando a Igreja a prosseguir a obra iniciada no Concílio.

No Jubileu, as leituras para os domingos do tempo comum serão extraídas do Evangelho de Lucas, chamado “o evangelista da misericórdia”. Algumas das parábolas mais conhecidas escritas por ele são as da ovelha perdida, a da moeda perdida e a do pai misericordioso.





FESTA DA DIVINA MISERICÓRDIA

12 DE ABRIL 2015

No dia 30 de Abril de 2000, o Santo Padre João Paulo II declarou que “Em todo o mundo, o Segundo Domingo da Páscoa receberá o nome de Domingo da Divina Misericórdia, um convite perene ao mundo cristão para encarar, com confiança na divina benevolência, as dificuldades e provações que a humanidade enfrentará nos anos vindouros”.

“Desejo que a Festa da Misericórdia seja refúgio e abrigo para todas as almas, especialmente para os pecadores. Nesse dia estão abertas as entranhas da minha Misericórdia. Derramo todo o mar de graças nos olmos que se aproximarem do fonte do minha Misericórdia. A olmo que se confessor e comungar alcançará o perdão dos culpas e castigos. Nesse dia estão abertos todos os comportas divinos, pelos quais fluem os graças... Desejo que seja celebrada solenemente no primeiro domingo depois da Pascoa. A humanidade não terá paz enquanto não se voltar à fonte da minha Misericórdia.”

(Diário de Santa Faustina Kowalska - nº 699)



A CONFIANÇA

“Um fator decisivo para a obtenção da misericórdia Divina é a confiança.”

A confiança natural - como espera de ajuda humana - é uma grande alavanca na vida do homem. Mas a espera pela ajuda dos homens muitas vezes falha. No entanto, **quem deposita a sua confiança em Deus jamais sofrerá decepção.** “O amor envolve quem confia em Iahweh” (SI 31,10). (...) No Seu discurso de despedida, pronunciado durante a última ceia no cenáculo, após dar as últimas instruções e anunciar que os Apóstolos sofreriam no mundo a opressão com que se defrontariam em Seu nome, Jesus Cristo aponta para a confiança como condição necessária da perseverança e da obtenção da ajuda do Deus misericordioso: ‘No mundo tereis tribulações, mas tende coragem: eu venci o mundo!’ (Jo 16,33). São as últimas palavras do Salvador antes da paixão, anotadas pelo Apóstolo amado, que desejava lembrar a todos os fiéis e por todos os tempos como é necessária **a confiança, não apenas recomendada, mas ordenada pelo Salvador.**

Por que Deus recomenda tanto a confiança? Porque ela é uma **homenagem prestada à Divina misericórdia.** Quem espera a ajuda de Deus confessa que Deus é todo-poderoso e bondoso, que pode e nos quer demonstrar essa ajuda, que Ele é sobretudo misericordioso. ‘Ninguém é bom senão só Deus’ (Mc 10,18). Devemos conhecer a Deus na verdade, visto que o falso conhecimento de Deus esfria a nossa relação com Ele e estanca as graças da Sua misericórdia.

(...) **A falta de confiança impede que Deus nos proporcione benefícios, é como uma nuvem escura que estanca a acção dos raios solares,** como um dique que impossibilita o acesso à água da fonte.

(...) Nada proporciona à onipotência Divina tanta glória quanto o facto de que Deus torna onipotentes aqueles que n’Ele confiam. Porquanto, para que a nossa confiança nunca falhe, ela deve distinguir-se por traços adequados, que foram indicados pelo próprio Rei de misericórdia.

(...) Ao confiarmos em Deus, não podemos confiar demasiadamente em nós mesmos, nos nossos talentos, na nossa prudência nem na



nossa força, visto que então Deus nos negará a Sua ajuda e permitirá que nos convençamos por experiência própria da nossa inaptidão. Nos assuntos Divinos devemos ter medo de nós mesmos e estar convencidos de que por nós mesmos seremos capazes apenas de deformar ou até aniquilar os propósitos Divinos.

A confiança em Deus deve ser firme e perseverante, sem hesitações nem fraquezas. Era essa a confiança que tinha Abraão quando tencionava entregar seu filho em sacrifício. Era essa a confiança que tinham os mártires. No entanto, aos Apóstolos, durante a tempestade, faltava essa virtude, e por isso Jesus Cristo os censurou: ‘Por que sois tão covardes, homens fracos na fé?’ (Mt 8,26).

(...) Sobretudo a confiança é uma homenagem prestada à Divina misericórdia, que proporciona a quem confia a força e a coragem para superar as maiores dificuldades.

(...) **A confiança em Deus afasta toda a tristeza e depressão, e enche a alma de grande alegria, até nas mais difíceis condições de vida.** (...) A confiança opera milagres, porque conta com a onnipotência de Deus. (...) A confiança proporciona a paz interior, que o mundo não pode dar. A confiança abre o caminho a todas as virtudes.

(...) **A confiança consola de maneira especial a pessoa agonizante, que na última hora se lembra dos pecados de toda a sua vida, o que a leva ao desespero.** Por isso é preciso fornecer aos agonizantes adequados actos de confiança, é preciso apontar-lhes a pátria próxima, onde o Rei de Misericórdia espera com alegria aqueles que confiam na Sua misericórdia. A confiança assegura a recompensa após a morte, como comprovam numerosos exemplos dos Santos. Especialmente Dimas - o ladrão que morria na cruz ao lado de Jesus Cristo - recorreu a Ele com confiança no último momento da sua vida e ouviu a doce garantia: ‘Hoje estarás comigo no paraíso’.

(...) Confiemos em Deus nas nossas necessidades temporais e eternas, nos sofrimentos, nos perigos e nos abandonos. **Confiemos mesmo quando nos parece que Deus nos abandonou,** quando nos nega os Seus consolos, quando não nos ouve, quando nos oprime com uma pesada cruz. **Então é preciso confiar em Deus mais ainda, porque esse é um tempo de provação, um tempo de experiência pelo qual toda a alma deve passar.**



15 de agosto
de 2015

*Solenidade da
Assunção de Nossa
Senhora*



A solenidade da Assunção de Nossa Senhora ao céu em corpo e alma, é das festas litúrgicas mais antigas em honra de Nossa Senhora e a primeira a ser celebrada com vigília. Tem vários nomes: Assunção – que quer dizer ser elevada ao céu; Dormição – porque segundo alguns a Senhora não morreu, antes dormiu, acordando na eternidade; Trânsito – porque foi uma passagem deste mundo para o outro; Natal – porque a Igreja celebra o dia da morte dos santos como o nascimento definitivo para a vida eterna; Senhora de Agosto – porque já se celebra neste mês desde o século VII; Senhora da Abadia – porque naquele santuário



Mariano, o mais antigo de Portugal e talvez da Península, se celebra neste dia a Assunção com esta invocação.

O dogma da Assunção foi definido por Pio XII no dia 1 de novembro de 1950. Assim ensina o Catecismo da Igreja Católica: finalmente a Virgem Imaculada, preservada e imune de toda a mancha da culpa original, terminando o curso da vida terrena, foi elevada ao céu em corpo e alma por Deus como Rainha. A Assunção da Santíssima Virgem é uma singular participação na Ressurreição de seu Filho e uma antecipação da ressurreição dos outros cristãos (nº 966).

Nada sabemos da vida de Maria depois do Pentecostes, nem das circunstâncias da sua morte. Não sabemos nem o quando nem onde o onde da Assunção. Seria em Éfeso onde segundo a tradição, vivia com São João? Seria muito tempo ou pouco depois da Ascensão de Jesus? Teria morrido ou não, como gostam de afirmar os cristãos orientais com a palavra Dormição?

Uma coisa é certa: Maria foi elevada ao céu em corpo e alma. E nenhuma destas interrogações bole com o dogma que professamos. Este afirma apenas o seguinte: Nossa Senhora, a exemplo de Jesus ressuscitado, vive em corpo e alma no céu triunfante e maternal.

A Assunção de Maria coloca-nos perante o tema da novidade pascal e da esperança. Do mesmo modo que a Mãe de Jesus, já glorificada no céu em corpo e alma, é uma imagem e início da Igreja que se há de consumir no século futuro, assim também na terra brilha como sinal de esperança segura e de consolação para o povo de Deus ainda peregrino, até que chegue o dia do Senhor (L.G.68).

Maria é sinal de santidade. O seu nascimento para o céu é o começo da glorificação definitiva que os filhos mortais esperam de Deus, em virtude da Redenção da Cruz. Esta glorificação será o remate, o prémio da santidade. Cristo, com a sua Mãe e a nossa colaboração, irá arrancando em nós as raízes das injustiças, do orgulho, da mentira. Temos de assumir as nossas responsabilidades neste trabalho que é de cada hora, que é de sempre. Aqui radica o otimismo cristão.



ASSUNÇÃO DA VIRGEM SANTA MARIA

Nota Histórica:

Ao terminar a Sua missão na terra, Maria, a Imaculada Mãe de Deus, «foi elevada em corpo e alma à glória do céu» (Pio XII), sendo assim a primeira criatura humana a alcançar a plenitude da salvação.

Esta glorificação de Maria é uma consequência natural da Sua Maternidade divina: Deus «não quis que conhecesse a corrupção do túmulo Aquele que gerou o Senhor da vida».

É também o fruto da íntima e profunda união existente entre Maria e a Sua missão e Cristo e a Sua obra salvadora. Plenamente unida a Cristo, como Sua Mãe e Sua serva humilde, associada, estreitamente a Ele, na humilhação e no sofrimento, não podia deixar de vir a participar do mistério de Cristo ressuscitado e glorificado, numa conformação levada até às últimas consequências. Por isso, Maria é «elevada ao Céu em corpo e alma e exaltada por Deus como Rainha, para assim Se conformar mais plenamente com Seu Filho, Senhor dos senhores e vencedor do pecado e da morte» (LG. 59).

Este privilégio, concedido à Virgem Imaculada, preservada e imune de toda a mancha da culpa original, é «Sinal» de esperança e de alegria para todo o Povo de Deus, que peregrina pela terra em luta com o pecado e a morte, no meio dos perigos e dificuldades da vida. Com efeito, a Mãe de Jesus, «glorificada já em corpo e alma, é imagem e início da Igreja que se há-de consumir no século futuro» (LG. 68).

O triunfo de Maria, mãe e filha da Igreja, será o triunfo da Igreja, quando, juntamente com a Humanidade, atingir a glória plena, de que Maria goza já.

A Assunção de Maria ao Céu, em corpo e alma, é a garantia de que o homem se salvará todo: também o nosso corpo ressuscitará! A Assunção de Maria é o penhor seguro de que o homem triunfará da morte!



Testemunhos de amor ao próximo
O dar aos outros não tem limites

Por si só, o ato de dar é muito importante, mas insuficiente. É necessário fazê-lo de coração aberto. Para exemplificar, escolhamos entre muitos o testemunho do padre Cruz, pela sua proximidade com o povo e Fátima.

Este sacerdote, de nome Francisco Rodrigues da Cruz, nasceu em Alcochete (Setúbal) e morreu em Lisboa, em 1948. Teve uma vida longa (88 anos), mas cheia de intensa piedade e amor ao próximo, sobretudo para com aqueles que mais necessitavam. Quando traçou o seu programa de apostolado em 1925, dirigiu uma carta a António Mendes Belo, cardeal patriarca de Lisboa, na data, afirmando: “Há muitos anos que eu me sinto atraído, talvez por especial vocação da misericórdia de Deus Nosso Senhor, para ajudar espiritualmente os presos da cadeia, os doentes dos hospitais, os pobrezinhos e abandonados, e tantos pecadores e almas desamparadas que Nosso Senhor me envia ou põe no meu caminho”. A sua vida foi o testemunho da palavra dada, cumpriu escrupulosamente com amor o caminho que traçou.

Dos relatos da sua vida que são conhecidos publicamente não constam, pelo menos não é do nosso conhecimento, um episódio que nos foi narrado por um familiar muito próximo (cujo testemunho aceitamos como verdadeiro) que o conheceu e serviu pessoalmente, enquanto sacristão de uma Igreja e depois de uma capela. O padre Cruz usava habitualmente uma batina preta. Um dia, quando esse familiar meu o ajudava a paramentar-se para celebrar a Santa Missa, notou que o sacerdote pouco mais tinha que a veste exterior. Ficou surpreendido, mas não fez qualquer pergunta (por vergonha, disse).



Mais tarde teve conhecimento de que o padre Cruz dava a sua própria roupa interior aos pobres que não tinham e por vezes ficava apenas com a sotaina, como ele havia constatado. Este acontecimento sucedeu em Lisboa, não posso precisar em que data, mas creio que na década de 1930/40.

Por outro lado e no que respeita à sua ligação a Fátima, de acordo com a Segunda Memória (1937), a Irmã Lúcia escreveu que a sua primeira comunhão foi aos seis anos, isto é, em 1913, por ter sido considerada preparada pelo Padre Francisco da Cruz, nessa ocasião a confessar na igreja paroquial de Fátima (6ª edição, 1990, página 54). Ou seja, ele também se deslocava para outras Igrejas do país para ajudar os párocos, sobretudo em missões e tríduos. Recordamos ainda que a Jacinta escolheu, entre a ladainha de jaculatórias que o padre Cruz lhes sugeriu (aos pastorinhos) a de “Doce Coração de Maria, sede a minha salvação”. Esta, às vezes, depois de a dizer, acrescentava, com aquela simplicidade que lhe era natural: “Gosto tanto do Coração Imaculado de Maria! É o Coração da nossa Mãezinha do Céu! Tu não gostas tanto de dizer muitas vezes; Doce Coração de Maria, Imaculado Coração de Maria?! Eu gosto tanto, tanto”, dizia Jacinta.

O padre Cruz conviveu com dois regimes políticos diferentes: a monarquia e o republicanismo, mas manteve sempre um distanciamento do poder, nunca deixou de usar a sotaina, apesar de ter passado por tempos conturbados e ser olhado com desconfiança pelas autoridades. A sua preocupação e enlevo eram a fé (era um adorador do Santíssimo Sacramento) e os mais desprotegidos. Em Lisboa desenvolveu a sua ação especialmente nas ruas da cidade, nas cadeias e nos hospitais, para além das igrejas. Toda a sua vida foi um serviço de amor a Deus, servindo os homens. Num tempo crítico para a Igreja de Portugal, num tempo de perturbação da ordem e da negação de tantos valores, ele exerceu em permanência a sua ação apostólica. São exemplos como este que nos devem nortear e que constituem o princípio basilar da solidariedade e amor cristão para com aqueles que nos rodeiam.

Testemunho de Eduardo Santos 01/04/2012



ATENÇÃO

Não estando assegurada,
pela Divisão de Gestão Cemiterial de Lisboa,
a segurança na Capela do Cemitério de Benfica,
vimos avisar todos os devotos do
Santo Padre Cruz que ali se deslocam
na data de Aniversário de Nascimento do
Padre Cruz, que não será celebrada Missa
pela Beatificação do Padre Cruz.
na Capela do Cemitério de Benfica
no dia 29 de julho.

**Abertura do
Jazigo do Padre Cruz
pelas 9h15**

**Aniversário de Nascimento:
29 de julho
Aniversário de Morte:
1 de outubro**





HISTÓRIAS DA VIDA DO PADRE CRUZ

O COMBOIO PARADO

Na minha meninice ouvi falar muitas vezes de um “padre santo” de Lisboa e dos milagres que ele fazia. Citavam-se alguns casos milagrosos realizados por ele. O que mais me impressionou foi o do comboio parado.

Dizia-se que esse padre, conhecido por todos como o “Santo Padre Cruz”, tinha um passe que lhe permitia viajar gratuitamente em todos os comboios. Embora conhecido por muitos, houve, certa vez, um revisor que não o identificou e, durante uma viagem, pediu-lhe o bilhete. Humildemente, o Padre Cruz, respondeu:

- Bilhete?! Eu não tenho bilhete...

Então o zeloso revisor, mostrando-se compreensivo, não lhe agravou o custo da passagem com uma multa, como seria normal, mas concluiu o breve diálogo dizendo:

- Pois, se não possui bilhete, terá de sair na próxima estação.



Quando o comboio parou, o Padre Cruz, sob o olhar atento do revisor, saiu e, ao chegar à gare, pegou no breviário que sempre o acompanhava, e começou a rezar passeando.

Entretanto o maquinista esforçava-se inutilmente por colocar o comboio em andamento. Tudo estava em ordem mas a máquina não arrancava. A prolongada paragem chegou ao conhecimento dos passageiros. Alguém descobriu a razão da insólita avaria:

- A causa é o Senhor Padre Cruz! Puseram-no fora quando ele tem passe para viajar de graça em todos os comboios. Ele está acolá a passear, rezando... Chamem-no e verão que a “avaria” se vai resolver imediatamente.

Assim fizeram e, mal o Padre Cruz entrou, o comboio prosseguiu viagem.

Não encontrei este episódio em nenhuma biografia do Padre Cruz. Acho que ele pertence ao aspeto “lendário” que, frequentemente, se cria ao redor dos santos, mesmo durante a sua vida terrena. É a admiração do povo bom e devoto que, muitas vezes, pega num caso simples o aumenta e constrói uma história bonita ao seu redor. É uma outra maneira de, a partir da devoção e da imaginação, escrever a biografia das pessoas que admiramos. É a exaltação popular dos heróis que povoam a nossa imaginação.

Mas, se este episódio, que encheu de admiração a minha mente de criança, não é verdadeiro, são-no alguns outros em que parecia que o comboio esperava por ele quando se demorava um pouco mais nas suas tarefas apostólicas

Na sua biografia do Padre Cruz conta Maria Joana Mendes Leal: “Doutra vez estava na Quinta da Mota, desejando tomar o comboio para o Norte, às 10.30.” “Mas - como conta D. Maria Francisca de São Payo Sousa e Alvim - disse a sua missa, pregou, fez Via Sacra, rezou o terço e deu a Bênção. Por fim ainda se foi pôr a confessar.

Estávamos a ver o tempo passar e que ele perdia o comboio, o que lhe fazia transtorno. Ainda confessou mais umas pessoas, e, por fim,



veio tomar o pequeno almoço. Quando nos metemos no carro, íamos convencidos de que o comboio estava perdido. Ao passar a ponte perto do túnel, ouvimo-lo apitar. O cocheiro então tocou as mulas. O senhor Padre Cruz disse-lhe:

- Não bata nas mulinhas que Nosso Senhor ha de permitir que apanhe o comboio.

Na verdade não se enganou. O comboio teve qualquer avaria que o fez estar parado mais tempo na estação e só andou depois do Padre Cruz se encontrar lá dentro.

Doutra vez foi no Algarve. Em certa estação entraram alguns agricultores com as suas enxadas e sacos, para a carruagem onde ia o Padre Cruz a rezar até que algum o interrompeu com uma queixa:

- Ai, senhor Padre, dizem que o comboio não para no apeadeiro onde devemos sair... Que grande transtorno!

- Meus filhos, não se aflijam! Vamos rezar e vão ver que o comboio para. Todos rezaram e o comboio parou mesmo.

Os homens ficaram contentíssimos. E o Padre Cruz, ao contar este facto, rematava:

- Coitadinhos, que aflitos que estavam! Mas Deus é bom e cheio de misericórdia!

Talvez tenha sido a partir de algum caso destes que se construiu a “lenda” do comboio parado à espera do “Santo Padre Cruz”.

A INFÂNCIA DO PADRE CRUZ

Mas quem era o Padre Cruz, o Senhor Doutor Cruz ou o “Santo Padre Cruz” como era conhecido por toda a gente que já o tinha canonizado em vida?

No dia 29 de Julho de 1859, o lar de Manuel da Cruz e Catarina de Oliveira Cruz, em Alcochete, era enriquecido com o nascimento de um quarto filho, Francisco Rodrigues da Cruz. Longe estavam os seus pais de saber que, nessa mesma semana, morria em França um santo sacerdote, o “Santo Cura de Ars” com quem aquele menino se iria parecer um dia mais tarde.



Seus pais eram bons católicos, cumpridores do fundamental da vida cristã: participação na missa dominical (só no tempo de caça é que o senhor Manuel Cruz faltava alguma vez), confissão e comunhão anual, descanso semanal e jejum nos dias preceituados... como ensinam os Mandamentos da Santa Mãe Igreja. O pai possuía alguns bens e uma vivenda razoável. Sempre que vinha a propósito, gabava-se de na construção da casa não ter pregado nem sequer um prego em dia de Domingo. Devoto de Nossa Senhora e apegado às tradições da terra, era ele que todos os anos custeava as despesas da festa de Nossa Senhora da Atalaia. Era um homem sensato, respeitador e respeitado por toda a vizinhança. Não tinha grandes conhecimentos literários, pois só aprendeu a ler em jovem, mas possuía a sabedoria do coração e a sensatez de quem cursara com muito proveito a escola da vida meditando em casos e acontecimentos de que tirava sempre oportunas conclusões.

A mãe, doméstica, ensinou-o a fazer o sinal da cruz sempre que saía de casa, a rezar o Pai nosso, a Ave Maria e o Glória bem como as principais fórmulas da doutrina cristã. Em sua casa rezava-se o terço todas as noites.

O menino Francisco, dada a sua saúde muito precária, foi baptizado em casa, como naquele tempo faziam, com certa frequência, as boas famílias cristãs. As demais cerimónias baptismais seriam completadas no dia 25 de Fevereiro de 1850 na igreja de Alcochete. Mais tarde, já sacerdote, conhecedor da imensa graça do baptismo, sempre que ia à igreja de Alcochete, aproximava-se da pia baptismal, ajoelhava-se e aí agradecia a Deus a imensa graça de se ter tornado filho de Deus.

Recebeu a melhor educação e formação cristã que os pais lhe souberam dar. Além do exemplo da prática religiosa, a mãe, a Senhora Catarina, às sextas-feiras, obrigava os filhos a jejuar dando-lhes apenas pão com figos.



OS ESTUDOS

Francisco, embora sempre de saúde muito débil, era um menino vivo, activo e muito sensível. O pai, desejando preparar-lhe um bom futuro, aos nove anos, depois de concluídos os estudos elementares em Alcochete, mandou-o estudar para Lisboa. Progredindo nos conhecimentos académicos, ele não aprofundou igualmente a sua fé mas manteve-se sempre fiel aos bons hábitos que trazia de casa. Exemplo típico disso é este pequeno mas significativo episódio. Certo Domingo, o pai, sem se ter feito anunciar, foi visitá-lo a Lisboa. Ao chegar não o encontrou. Esperou algum tempo. Quando ele apareceu, veio a pergunta normal:

- Francisco, onde estavas?
- Fui à missa!

O Senhor Manuel da Cruz sentiu-se um homem feliz. Longe dos pais, desconhecido de todos, o seu Francisco continuava a ser um bom rapaz, cumpridor dos seus deveres, não enveredando pelos caminhos de uma vida fútil, ou até pecaminosa, como alguns dos seus companheiros. O que ele desconhecia é que na alma daquele jovenzinho ia crescendo um sonho que o acompanhava desde criança e que nunca confiara a ninguém: ser sacerdote.

Como se disse, Francisco era um adolescente ativo como qualquer rapazinho da sua idade. Ria, brincava, convivia. Um dos seus passatempos favoritos, herdado do pai, era a caça. Um dia, durante as férias, andando à caça de pardais com a sua espingarda de chumbos, ao avistar um, em local estratégico, fez pontaria mas... com tanto azar, que acertou no seu primo Henrique, que se encontrava mais adiante, ferindo-o num dos olhos e causando-lhe a cegueira. Este foi um dos dias mais tristes da sua vida.

Frequentemente lembrava este episódio com grande mágoa, e, durante a vida, tudo fez para proporcionar ao primo as melhores condições de vida pois sentia-se responsável pelo grande dano que lhe tinha causado. Concluídos os estudos locais, com 16 anos, era preciso pensar no dia de amanhã, começar a construir o futuro depois



de ter lançado uns bons alicerces. Um dia, o pai chamou-o e fez-lhe uma pergunta que, em idênticas circunstâncias, todos os pais costumam fazer aos filhos:

- Francisco, que queres ser no futuro?

- Aquilo que o pai quiser. A sua vontade é a minha.

Manuel da Cruz, com aquela intuição que é própria dos pais, já suspeitava há muito que o filho queria ser sacerdote. Por isso, sugeriu:

- Creio que seria muito bom matriculares-te na Faculdade de Teologia da Universidade de Coimbra...

- Sim, meu pai, a sua sugestão vem de encontro aos meus sonhos...

Francisco Rodrigues da Cruz foi viver, em Coimbra, numa “República” com outros colegas, todos do norte, também eles matriculados no Curso de Teologia. Alguns chegariam a ter cargos importantes na Universidade e na diocese do Porto.

O pai enviava-lhe, pontualmente, a mesada de seis mil reis com que ele cobria todas as despesas.

Os três primeiros anos foram de bom aproveitamento escolar e de bom comportamento moral, embora ainda não revelassem nada daquilo que viria a ser o Padre Cruz pois a sua vida espiritual era bastante rotineira e estava longe de ser fervorosa.

A convivência com o P. José Pires Antunes, seu condiscípulo, e o convite deste, que foi logo aceite, para entrar na Congregação Mariana, foram os factores que, aos vinte anos, o levaram para uma vida nova.

Nas férias do Natal fez uma confissão geral com o P. Franco Struzo, jesuíta, Reitor do Colégio de Campolide. A partir daqui a sua vida transformou-se completamente.

Tendo terminado a formatura em Teologia, em 1880, aprovado por unanimidade, deixou Coimbra com a nostalgia de quem abandona um lugar a que se apegou ao longo de quatro anos de estudo acrescida por um certo sentimentalismo que é apanágio de Coimbra, cidade de “encanto”, celebrada em fados e baladas que vão criando raízes de saudade no coração...





NASCIMENTO DE MARIA
OU
NATIVIDADE DE NOSSA SENHORA
FESTA - 08 DE SETEMBRO

O nascimento de Nossa Senhora ou a Natividade de Maria é uma festa litúrgica das Igrejas Católica e Anglicana, celebrada no dia 8 de setembro, nove meses após a sua Imaculada Conceição, celebrada em 8 de dezembro. Também é celebrada pelos cristãos sírios em 8 de Setembro e pelos cristãos coptas em 1 Bashans (equivalente a 9 de Maio).



Na Igreja Ortodoxa, a Festa de Theotokos, é uma das doze grandes festas do ano litúrgico. Para aquelas igrejas que seguem o calendário juliano, acontece em 8 de Setembro; para as do calendário gregoriano, em 21 de setembro.

Esta festa tem sua origem em Jerusalém. Começou a ser celebrada no século V como festa da Basílica Sanctae Mariae ubi nata est, atualmente conhecida como Basílica de Santa Ana.

No século VII, já era celebrada pelas igrejas bizantinas e em Roma, como festa do nascimento da Bem-Aventurada Virgem Maria.

A festa foi incluída no calendário tridentino em 8 de Setembro e permanece, até hoje, nesta data.

De acordo com a tradição, Maria nasceu de pais já velhos e estéreis, chamados Joaquim e Ana, como resposta às suas preces.

A paciência e a resignação com que sofriam a esterilidade levaram-lhes ao prêmio de ter por filha aquela que havia de ser a Mãe de Jesus. Eram residentes em Jerusalém, ao lado da piscina de Betesda, onde hoje se ergue a Basílica de Santa Ana; e aí, num sábado, 8 de setembro do ano 20 a.C., nasceu-lhes uma filha que recebeu o nome de Miriam, que em hebraico significa “Senhora da Luz”, passado para o latim como Maria. Maria foi oferecida ao Templo de Jerusalém aos três anos, tendo lá permanecido até aos doze anos.

Local do nascimento da Virgem Maria em Jerusalém.

Visivelmente, nenhum acontecimento extraordinário acompanhou o nascimento de Maria e os Evangelhos nada dizem sobre sua natividade.

Nenhum relato de profecia, nem aparições de anjos, nem sinais extraordinários são narrados pelos evangelistas.

No entanto, São João Damasceno afirma que o nascimento a partir de uma mãe estéril já era um sinal das bênçãos especiais que recaem sobre Maria.



Ainda, em sua Homilia sobre a Natividade de Maria diz:

“Hoje é o começo da salvação do mundo, porque na Santa Probática foi-nos gerada a Mãe de Deus através de quem o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo, nos foi gerado.”

No século IV, e posteriormente, no século XV, surgiu a crença que Maria também teria sido concebida por uma virgem, pelo poder do Espírito Santo. Esta crença foi condenada como um erro pela Igreja Católica em 1677.

A Igreja ensina que Maria foi concebida de maneira natural, mas foi miraculosamente preservada do pecado original para ser a mãe de Cristo. Esta concepção livre do pecado original é chamada de Imaculada Conceição.

Assim se exprimiu o Padre António Vieira sobre essa celebração:

- “Quereis saber quão feliz, quão alto é e quão digno de ser festejado o Nascimento de Maria? Vede o para que nasceu. Nasceu para que d’Ela nascesse Deus. (...) Perguntai aos enfermos para que nasce esta celestial Menina, dir-vos-ão que nasce para Senhora da Saúde; perguntai aos pobres, dirão que nasce para Senhora dos Remédios; perguntai aos desamparados, dirão que nasce para Senhora do Amparo; perguntai aos desconsolados, dirão que nasce para Senhora da Consolação; perguntai aos tristes, dirão que nasce para Senhora dos Prazeres; perguntai aos desesperados, dirão que nasce para Senhora da Esperança. Os cegos dirão que nasce para Senhora da Luz; os discordes, para Senhora da Paz; os desencaminhados, para Senhora da Guia; os cativos, para Senhora do Livramento; os cercados, para Senhora da Vitória. Dirão os pleiteantes que nasce para Senhora do Bom Despacho; os navegantes, para Senhora da Boa Viagem; os temerosos da sua fortuna, para Senhora do Bom Sucesso; os desconfiados da vida, para Senhora da Boa Morte; os pecadores todos, para Senhora da Graça; e todos os seus devotos, para Senhora da Glória. E se todas estas vozes se unirem em uma só voz, dirão que nasce para ser Maria e Mãe de Jesus” (Sermão do Nascimento da Mãe de Deus).”





Agradecem as graças alcançadas por intercessão do *Santo Padre Cruz* e, em sinal de gratidão, contribuíram para a Causa de Canonização do Servo de Deus.

Venho agradecer ao Padre Cruz que sempre me tem ajudado nas minhas aflições, nos meus problemas de saúde e de toda a minha família. Obrigada, *Santo Padre Cruz*.

Isaura (Hudson, EUA);

Agradeço ao Padre Cruz por várias graças recebidas ao longo dos anos por sua intercessão, concedidas não só a mim, mas também à minha família. Senti sempre a sua presença amiga nas operações que fiz e não só.

Albina Marinho da Costa Lima (Rio Tinto);

Agradeço as graças alcançadas por intermédio do *Santo Padre Cruz* e peço que me ajude e nunca me desampare.

Maria Inês (Barcelos);

Venho agradecer ao meu grande amigo *Santo Padre Cruz* por todas as graças que tenho recebido deste grande santo.

Em todas as aflições é a ele que peço para me ouvir e assim tem acontecido, por isso, venho agradecer.

Ana Morão Vilela Ribeiro (Vila Franca de Xira);

Eu e a minha filha Alexandrina agradecemos muitas graças recebidas por intermédio do Padre Cruz, e a minha filha agradece em particular o desbloqueamento da reforma do marido, que esperava há mais de um ano.



Mais uma vez, muito gratas ao nosso protector, bom Padre Cruz.

Maria Balbina Paiva Carneiro e Alexandrina (Bairro);

O meu filho fez uma operação muito traumatizante que muito me preocupou. Rezei várias novenas ao meu benfeitor, pedindo que a operação corresse bem o que, graças a Deus aconteceu, com a intervenção do bondoso sacerdote Padre Cruz.

Glória Mendes Santos Pita (Almada);

Agradeço a graça recebida por intercessão do *Santo* Padre Cruz junto de Deus.

A minha mulher deu entrada no hospital com um derrame nos pulmões. O médico das urgências, depois de lhe mandar fazer uma TAC, disse-me que ela estava muito, muito mal e não sabia se ela conseguiria resistir. Eu, ao ouvir estas palavras fiquei muito desanimado e pedi ao meu *santinho* Padre Cruz, que é o meu símbolo de fé, que intercedesse por ela junto de Deus e passados 15 dias ela teve alta do hospital.

António de Matos Rolo (Torre Cimeira, Belver);

Venho por este meio cumprir a promessa que fiz ao meu querido Padre Cruz, pedi-lhe que intercedesse junto de Jesus e tenho recebido muitas graças.

Agora foi uma especial, pois o meu sobrinho com duas crianças pequeninas, e casado, tinha perdido o emprego, mas já está a trabalhar. Obrigada mais uma vez.

Elza Sousa (New Bedford, EUA);

Mil vezes obrigada por todas as graças recebidas. Os meus filhos continuam com emprego, eu cá vou andando com as minhas mazelas, mas graças a Deus e ao Padre Cruz vou fazendo a minha vida normal.

M. Lopes (Coimbra).





*D*ERAM *ESMOLA*

e

*A*GRADECEM *GRAÇAS*

Maria Elisa Santos Bastos (Braga); Maria Glória Oliveira (Velas, Açores); Teresa Sacchetti (Attleboro, EUA); Justa d'Ascensão F. Correia (São Miguel, Açores); Leonor Soares Nunes Couto (Abrantes); Maria Fernandes Teixeira e Maria da Assunção (Porto); Manuel Antunes Brito (Coimbra); Armandina Ferreira de Oliveira (Porto); Maria Emília Santos Mendes e Maria Fernanda Amaral (Porto); José Figueiredo Manahu (Porto); M. Lopes (Coimbra); José e Maria Freitas (Newark, EUA); Maria Adelaide Ferreira (Peso da Régua); Fernanda Augusta Gil Ferreira (Pombal); Ermelinda Almeida (Coimbra); Júlia do

Patrocínio Ferreira Rodrigues (Batalha); Ana Rosa Ferreira de Sá e família (Vila Nova de Gaia); Maria da Conceição Rodrigues Lima (Afife); Isaura Godinho (Hudson, EUA); Mário Jorge Gomes de Sousa (Funchal, Madeira); Leonor Soares Nunes Couto (Abrantes); Maria Teresa Pinto Freitas Moreira (Vila Nova de Gaia); Maria Alina Ramos dos Santos Garcia (Porto); Maria Teresa Sousa Ferrão (Águas Santas); Maria Aldegundes Fonseca (Setúbal); Albina Marinho Lima (Rio Tinto); Odelta Luís (Turlock, EUA); Maria Gilda Matias Furtado Rosa (Ponta Delgada, Açores); Maria da Luz Pinto Leite de Melo (Porto); Maria Rosa



Crisóstomo (Vila Flor); Teresa Conceição Dias Sousa (Caldas de Vizela); Maria Olga da Silva Brito (Portimão); Maria Graça Lúcio Costa Rodrigues (Ameixial); Maria Gordo (New Bedford, EUA); Bernardina Macedo (Póvoa de Varzim); Maria José Falcão (Tomar); Maria Leonor Gomes (Lisboa); Rosa Bento (Esmoriz); Augusta Branca J. Marcos (Odivelas); Maria da Conceição Lucas Cardoso (Queijas); Maria Augusta Dias (Camarate); José Rodrigues Cortez (Coimbra); Maria Beatriz Caleira Santos (Covilhã); Maria Helena Ribeiro Lages Costa (Braga); Maria Lourdes Moniz (La Mesa, EUA); Horácio Vaz (Rio Torto); Maria Isabel P. Gomes Nunes (Lisboa); Maria Inês (Barcelos); Augusto Soares de Moura (Lamego); Iria de Fátima Silva Furtado (Ponta Delgada, Açores); Maria de Lourdes Correia Martinho (Mem Martins); Maria Alice Freitas (Fafe); Maria Sameiro Cardoso (Vila Nova de Gaia); Maria de Lourdes Loureiro Alves (Matosinhos); Elizabete Silva (Viana do Castelo); José Vitor Vivas Almeida (Vila Verde); Maria Irene Pereira (Ponte de Lima); Maria Isabel de Pinho Henriques (Vale de Cambra); Ana Morão Vilela Ribeiro (Vila Franca de Xira); Maria Balbina Paiva Carneiro e Alexandrina (Bairro); Antónia Carrega Barata (Alcains); Maria Helena Frazão Teófilo (Cartaxo); Ana Rosa Ferreira de Sá (Vila Nova de Gaia); Maria Cidalina Santos (Águeda); Maria Manuela Roque Sousa (Lisboa); João da Costa Tavares (Porto Salvo); Irene de Jesus Peixoto (Azambuja); Rosa Maria Reis (Lousada); Maria Glória Paiva (Calgary, Canadá); Maria Conceição Mendes (Cernache); Maria Manuel Macedo F. Pinto (Ermesinde); Maria Gonçalves Matos Candeias David (Santiago do Cacém); Glória Mendes Santos Pita (Almada); Ana Adelaide Dâmaso Campos Alves (Lousada); Antonieta Costa Mendes Carvalho (São Mamede Infesta); Clementina Tavares da Silva (Lever); Maria Antónia C. de Sá Carneiro (Porto); Maria de Fátima Pereira Soares (Porto); Maria das Dores Gil Vicente (Caldas da Rainha); Mário Andrade (Rio Tinto); Isaura Fátima Cerqueira (Ponte da Barca); Maria da Glória Silva Laracho (Ermesinde).





Campanha de Missas pela Beatificação do Padre Cruz

Elvira Borges Godinho (Angra do Heroísmo, Açores); Maria Arménia Rodrigues Oliveira Agria (Coimbra); Sofia Maria Mesquita Guimarães (Vila Nova de Famalicão); Maria do Carmo Machado (Vila Franca); Manuel Pereira (Cunha Baixa); Joaquim Lopes Carvalho (Lisboa); Maria José Gomes Abrunhosa (Porto); João Sidónio Figueira, Terezinha Pinto Figueira, Alice Virgínia de Abreu, Ana Maria Figueira Fernandes e Maria Luísa Pinto Correia (Funchal, Madeira); Carlos Alberto Neves (Meda); Maria de Deus Lima Brum (Vila Franca do Campo, Açores); Maria Alice Ferreira Lima (Roriz); Elvira Martins Ribeiro (Peso da Régua); Fernando Madeira e Maria Manuela Madeira (Peso); Maria Lurdes Silva Valente Almeida

(Salreu); Maria Amélia Santos Moreira (Cascais); Maria Cândida Caixinha (Lagoa); Maria Vitória Ribeiro (Almeirim); Beatriz de Fátima da Conceição Marques (Coimbra); Maria Cecília Marques Pereira da Nóvoa (Porto); Maria Elisa Santos Bastos (Braga); Justa d'Ascensão F. Correia (São Miguel, Açores); Leonor Soares Nunes Couto (Abrantes); Maria Fernandes Teixeira (Porto); Fernanda Augusta Gil Ferreira (Pombal); Leonor Soares Nunes Couto (Abrantes); Maria Gilda Matias Furtado Rosa (Ponta Delgado, Açores); Teresa Conceição Dias Sousa (Caldas de Vizela); Augusta Branca J. Marcos (Odivelas); Maria Inês (Barcelos); Maria Teresa Teixeira (Olival Basto); Eulália Simões Neves (Lisboa).



Que é preciso para a Canonização do Padre Cruz?

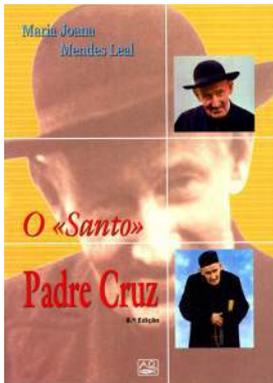
A resposta é simples: que a Igreja, pelo seu Chefe Supremo, o Vigário de Cristo, dê o seu veredito. Mas a Igreja não procede, nesta matéria, de ânimo leve. Por isso tem de ter a certeza de o servo de Deus ter praticado todas as virtudes em grau extraordinário.

Exige também um sinal do céu: o milagre, obtido por intercessão do Padre Cruz. exige até dois. O milagre é um facto religioso, isto é, supõe a oração ou intercessão de um justo unido intimamente a Deus; sensível, ou seja certificável pelos sentidos, e inexplicável pelas forças da natureza. Não basta alguém declarar simplesmente que houve milagre, será preciso prová-lo. E isso faz-se com todo o rigor, por meio de um processo.

Constituído um tribunal pela autoridade da Igreja, são ouvidas as testemunhas e o «miraculado» deve ser minuciosamente examinado por um ou mais peritos, para saber se acura foi real e perfeita ou não.

DATAS PRINCIPAIS DA VIDA DO PADRE CRUZ E DO SEU PROCESSO DE CANONIZAÇÃO

Nascimento:	29-7-1859	Entrada na Companhia de Jesus:	3-12-1940
Estudos Secundários em Lisboa:	1868-1875	Madeira e Açores:	1942
Universidade de Coimbra:	1875-1880	Morte em Lisboa:	1-10-1948
Ordenação Sacerdotal:	3-6-1882	Processo de Beatificação em Lisboa:	10-3-1951 a 26-6-1965
Diretor do Colégio dos Orfãos - Braga:	1886-1894	Entregue à Santa Sé:	17-9-1965
Diretor Espiritual em S. Vicente de Fora:	1896-1903	Aprovação dos Escritos e Declarado Venerável:	30-12-1971



O SANTO PADRE CRUZ

Maria Joana Mendes Leal

A vida do *Santo* Padre Cruz, obscura e gloriosa, apagada e empolgante, é dos testemunhos mais eloquentes dos nossos dias...

8ª edição: 11€.

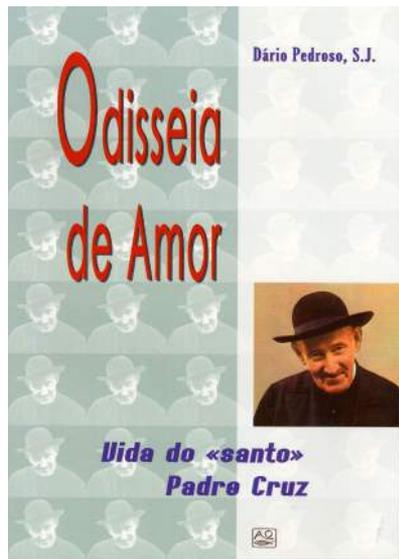
ODISSEIA DE AMOR - Vida do "santo" Padre Cruz

Dário Pedroso, S. J.

Mais uma biografia do Padre Cruz? Sim e não. Sim, porque se trata de apresentar os momentos mais significativos da vida deste sacerdote exemplar, a quem o povo há muito «canonizou». Não, porque o Autor escolheu uma aproximação deveras original: colocando o P. Cruz a falar com um jovem interlocutor imaginário, faz desta narrativa biográfica quase uma “autobiografia”, na qual tudo resulta da «odisseia» do amor de Deus na vida do Padre Cruz.

São páginas repletas de simplicidade e confiança em Deus, bem ao jeito do biografado.

1ª edição: 7€.



GRAÇAS DO PADRE CRUZ S. J. REVISTA TRIMESTRAL

Proprietário: Província Portuguesa da Companhia de Jesus
Estrada da Torre, 26 1750-296 Lisboa

Diretor: P. António Reis S.J.
Sede da Redação: Rua da Madalena, 179 R/C
Apartado 2661
1117-001 LISBOA

Telef.: 218 860 921
Site: <http://www.padrecruz.org>
e-mail: causapadrecruz@padrecruz.org

Impressão e acabamento: Gráfica Almondina - Torres Novas - Tiragem: 2.000 exemplares
Registo: I.C.S. 102106 - Depósito Legal: 17.244188

Pedidos: Na sua Livraria ou na Editorial A. O. - Largo das Teresinhas, nº5, 4714-504 BRAGA.
Deve enviar com o seu pedido, cheque ou vale postal.